

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

1º BIMESTRE

AUTORIA

ADRIANA DE PAULA SANTANA

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR 1

O Auto de São Lourenço é uma peça de teatro escrita pelo padre jesuíta José de Anchieta em 1586. Neste texto jesuítico, Anchieta narra como o Anjo da Guarda, São Sebastião e São Lourenço expulsaram os diabos Guaixará, Aimbiré e Saravaia de uma aldeia indígena. O fragmento em seguida constitui uma passagem do segundo ato, que traz um diálogo entre o mártir padroeiro e o diabo Aimbirê.

AIMBIRÊ

*Vamos! Deixa-nos a sós,
e retirai-vos que a nós
meu povo espera afligido.*

SÃO SEBASTIÃO

Que povo?

AIMBIRÊ

*Todos os que aqui habitam
desde épocas mais antigas,
velhos, moças, raparigas,
submissos aos que lhes ditam
nossas palavras amigas.*

Vou contar todos seus vícios,

Em mim acreditarás?

SÃO SEBASTIÃO

Tu não me convencerás.

AIMBIRÊ

Têm bebida aos desperdícios,

cauim não lhes faltará.

De ébrios dão-se ao malefício,

ferem-se, brigam, sei lá!

SÃO SEBASTIÃO

Ouvem do morubixaba

censuras em cada taba,

disso não os livrarás.

AIMBIRÊ

Censura aos índios? Conversa!

Vem logo o dono da farra,

convida todos à festa,

velhos, jovens, moçocaras

com morubixaba à testa.

Os jovens que censuravam

com morubixaba dançam,

e de comer não se cansam,

e no cauim se lavam,

e sobre as moças avançam.

SÃO SEBASTIÃO

Por isso aos aracajás

vivem vocês frequentando,

e a todos aprisionando.

AIMBIRÊ

*Conosco vivem em paz,
pois se entregam aos desmandos.*

SÃO SEBASTIÃO

*Uns aos outros se pervertem
convosco colaborando.*

AIMBIRÊ

*Não sei. Vamos trabalhando,
e aos vícios bem se convertem
à força do nosso mando.*

GUAIXARÁ

*Eu que te ajude a explicar.
As velhas, como serpentes,
injuriam-se entre dentes,
maldizendo sem cessar.
As que mais calam consentem.
Pecam as inconsequentes
com intrigas bem tecidas,
preparam negras bebidas
pra serem belas e ardentes
no amor na cama e na vida.*

AIMBIRÊ

*E os rapazes cobiçosos,
perseguido o mulherio
para escravas do gentio...*

Assim invadem fogosos...

dos brancos o casario.

GUAIXARÁ

Esta história não termina

antes que desponte a lua,

e a taba se contamina.

AIMBIRÊ

E nem sequer raciocinam

que é o inferno que cultuam.

SÃO LOURENÇO

Mas existe a confissão,

bem remédio para a cura.

Na comunhão se depura

da mais funda perdição

a alma que o bem procura.

Se depois de arrependidos

os índios vão confessar

dizendo: "Quero trilhar

o caminho dos remidos".

- o padre os vai abençoar.

GUAIXARÁ

Como se nenhum pecado

tivessem, fazem a falsa

confissão, e se disfarçam

*dos vícios abençoados,
e assim viciados passam.*

Vocabulário

Morubixaba: Cacique ou chefe de tribo indígena brasileira;

Cauim: Bebida preparada pelos índios com mandioca ou milho cozido e, depois, fermentado em certa porção de água;

Aracajá: Nome popular de um peixe.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

O Auto de São Lourenço foi uma peça teatral escrita pelo padre jesuíta José de Anchieta em 1586. Ela faz parte do conjunto de obras que compõem a origem do teatro brasileiro, mostrando, em sua temática, a visão que o colonizador europeu possuía do nativo indígena à época da chegada dos portugueses ao Brasil. Levando-se em consideração o contexto sociocultural em que este texto está inserido e a imagem que o autor constrói acerca do índio, podemos afirmar que uma das características desse auto é:

- a) a apresentação da figura do índio como um indivíduo religioso e integrado às mesmas tradições religiosas do povo português.
- b) a caracterização dos costumes do povo nativo como demoníacos e afastados das crenças do colonizador europeu.
- c) a valorização dos costumes e crenças indígenas como forma de enriquecimento da cultura do colonizador.
- d) a divulgação da fé e dos mandamentos religiosos por meio da descrição das belezas naturais da terra.

- e) a preocupação do colonizador português em respeitar as crenças e costumes do povo indígena.

Habilidade trabalhada

Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

Resposta Comentada

É interessante que você tenha em mente a possibilidade de realizar um estudo crítico do período da colonização do Brasil a partir do texto jesuítico Auto de São Lourenço. Esse gênero textual serve à catequese indígena. Tanto esta obra quanto a maior parte das produções do Quinhentismo destina-se à concretização de interesses do colonizador, tais como a tomada da terra, a exploração de riquezas e o domínio do povo.

Assim, é relevante que o aluno note que o contexto sociocultural em que vive o autor o leva a tomar determinados posicionamentos em sua obra. Isso pode ser atestado no Auto de São Lourenço quando o padre jesuíta José de Anchieta vincula as práticas indígenas a pecados, apresentando as personagens dos diabos como “orientadores” dos índios e a personagem do santo católico como salvador. Tais escolhas demonstram que a produção literária da época visava a objetivos políticos portugueses.

Com base nisso, pode-se analisar as opções de resposta. A alternativa “A” se apresenta como uma opção incorreta, pois, no texto em questão, não há menção de qualquer prática do povo indígena condizente com as crenças religiosas do povo português. Muito pelo contrário, o fato de o índio beber, fumar, andar nu, por exemplo, o afasta completamente dos dogmas religiosos cristãos.

Seguindo essa linha de raciocínio, a opção “B” é a correta, já que mostra o afastamento das culturas do português e do índio. Observa-se, ao longo de toda a peça, que o europeu tem uma visão negativa dos costumes do indígena ao apresentar seus hábitos vinculados a: (1) o pecado da gula, como na passagem “e de comer não se cansam”; (2) o

consumo de bebida alcoólica, como no fragmento “e no cauim se lavam”; e (3) o desrespeito à moral, no verso “e sobre as moças avançam”.

As alternativas “C” e “E” se aproximam em conteúdo, ao ressaltarem que o português valoriza e respeita a cultura do índio sem denegri-la, o que torna ambas as opções incorretas.

Por fim, a letra “D”, ao registrar que a descrição das belezas naturais da terra e do seu povo serve de pano de fundo para a veiculação da fé e dos mandamentos religiosos, mostra-se totalmente errônea, pois em nenhuma passagem da peça são mencionadas características da natureza do lugar.

QUESTÃO 2

O termo gênero literário, geralmente, é empregado para distinguir certos padrões de composição artística. Desse modo, determinadas características relativas à forma propiciam ao leitor reconhecer, antecipadamente, a finalidade e o assunto do texto.

O gênero dramático é composto por textos escritos, em forma de monólogo ou diálogo, para serem encenados. Sendo assim, a história acaba por ser “contada” pelas personagens, dispensando a presença de um narrador. Para evitar confusão, as falas das personagens apresentam indicação prévia de seus nomes. Além disso, o texto dramático também se caracteriza pela divisão em cenas ou em atos e pelo emprego de recursos como a linguagem gestual, cenários e a sonoplastia.

Sabendo que o Auto de São Lourenço pertence ao gênero dramático, retire passagens do texto que exemplifiquem algumas das características apresentadas acima.

Habilidade trabalhada

Reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico e dramático).

Resposta Comentada

Para desenvolver esta questão, seus alunos precisam compreender as diferentes formas assumidas pelo texto literário e o conhecimento dos critérios que permitem organizá-las nos três gêneros clássicos: o épico, o lírico e o dramático.

O gênero dramático é, essencialmente, composto por textos escritos para serem representados. Por isso, a sua organização formal está intimamente ligada aos elementos da linguagem teatral.

Podemos perceber algumas características do gênero dramático presentes no Auto de São Lourenço, como o emprego do discurso direto (as falas das personagens) e a presença dos nomes das personagens antecedendo as suas falas (Aimbirê, Guaixará, São Lourenço e São Sebastião).

Vale salientar que o texto dramático serviu como um dos mais importantes recursos pedagógicos utilizados pelos missionários jesuítas. A representação cênica promovia, mais facilmente, o entendimento, por parte dos índios, de vários conceitos abstratos relacionados à fé e à moral cristã. Fim da resposta comentada Texto Complementar 1 A letra da música “Índios” aborda temas como a conquista do Novo Mundo e o processo de dominação dos nativos que viviam nas terras recém-descobertas. O texto denuncia a ambição europeia, já que se exploravam as riquezas minerais da nova terra em troca de objetos sem valor (escambo), e a catequização dos índios, uma vez que o catolicismo foi imposto – por vezes, com violência –, ignorando-se as crenças dos nativos.

“ÍNDIOS” (Legião Urbana) Quem me dera ao menos uma vez Ter de volta todo o ouro que entreguei a quem Conseguir me convencer que era prova de amizade Se alguém levasse embora até o que eu não tinha. Quem me dera ao menos uma vez Esquecer que acreditei que era por brincadeira Que se cortava sempre um pano de chão De linho nobre e pura seda. Quem me dera ao menos uma vez Explicar o que ninguém consegue entender Que o que aconteceu ainda está por vir E o futuro não é mais como era antigamente. Quem me dera ao menos uma vez Provar que quem tem mais do que precisa ter Quase sempre se convence que não tem o bastante Fala demais por não ter nada a dizer. Quem me dera ao menos uma vez Que o mais simples fosse visto Como o mais importante Mas nos deram espelhos e vimos um mundo doente. Quem me dera ao menos uma vez Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três E esse mesmo Deus foi morto por vocês É só maldade, então,

deixar um Deus tão triste. Eu quis o perigo e até sangrei sozinho Entenda Assim pude trazer você de volta pra mim Quando descobri que é sempre só você Que me entende do início ao fim. E é só você que tem a cura pro meu vício De insistir nessa saudade que eu sinto De tudo que eu ainda não vi. Quem me dera ao menos uma vez Acreditar por um instante em tudo que existe E acreditar que o mundo é perfeito E que todas as pessoas são felizes. Quem me dera ao menos uma vez Fazer com que o mundo saiba que seu nome Está em tudo e mesmo assim Ninguém lhe diz ao menos, obrigado. Quem me dera ao menos uma vez Como a mais bela tribo Dos mais belos índios Não ser atacado por ser inocente. Eu quis o perigo e até sangrei sozinho Entenda Assim pude trazer você de volta pra mim Quando descobri que é sempre só você Que me entende do início ao fim. E é só você que tem a cura pro meu vício De insistir nessa saudade que eu sinto De tudo que eu ainda não vi. Nos deram espelhos e vimos um mundo doente Tentei chorar e não consegui.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 3

Na questão 1, analisamos a opinião do europeu sobre a cultura indígena. A letra da música “Índios” apresenta um ponto de vista diferente: a visão dos índios sobre o comportamento dos europeus. Levando em consideração essa mudança, responda:

- a) Quanto ao aspecto econômico, como são caracterizados os portugueses e os índios. Comprove com fragmentos do texto.
- b) Quanto ao aspecto religioso, analise a diferença entre a visão do indígena presente na letra da música e a criada por Anchieta no texto gerador 1.

Habilidade trabalhada

Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.

Resposta comentada

Antes de iniciar esta atividade, seria interessante acompanhar a música com os alunos. No link: http://www.youtube.com/watch?v=_AozyxoLvvg&feature=player_embedded#!, há uma versão editada e com animações de “Índios”.

Na letra (A), é importante que o aluno recupere no texto a relação de exploração econômica existente entre europeus e nativos: exploradores X explorados. Já nos versos iniciais, reconstrói-se essa concepção do indígena como um povo enganado pelos europeus: “Ter de volta todo ouro que entreguei / A quem conseguiu me convencer / Que era prova de amizade / Se alguém levasse embora até o que eu não tinha”. Outros trechos evidenciam a visão inocente do povo nativo em relação aos seus exploradores: “Como a mais bela tribo, dos mais belos índios / Não ser atacado, por ser inocente”.

A caracterização dos portugueses como (1) exploradores insaciáveis e (2) culpados por transformar os nativos em gananciosos pode ser recuperada nos seguintes versos: (1) “Provar que quem tem mais do que precisa ter / Quase sempre se convence que não tem o bastante”; e (2) “Mas nos deram espelhos / E vimos um mundo doente”. É interessante destacar para o aluno que o vocábulo “espelho”, presente no último exemplo, faz referência à atividade econômica praticada pelos europeus na época da colonização: o escambo de objetos de pouco valor entre os portugueses – como espelhos, escovas e talheres – por exploração da mão de obra indígena.

Na letra (B), o aluno deve ser estimulado a estender a comparação ao aspecto religioso. Como se viu na questão 1, no Auto de São Lourenço, Anchieta denuncia a visão negativa que os europeus possuíam dos costumes indígenas, associando os hábitos dos nativos a personagens demoníacos. A letra da música, por sua vez, não só apresenta a crença indígena – “Quem me dera, ao menos uma vez, / Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três” –, como também denuncia o desrespeito dos portugueses, já que, por não designarem Deus ou por não seguirem rituais de forma idêntica à portuguesa, o indígena deveria ser “salvo” com a morte de sua crença – “E esse mesmo Deus foi morto por vocês / E só maldade então, deixar um Deus tão triste”.

Para estimular ainda mais a reflexão do aluno sobre a diferença da concepção indígena e portuguesa sobre aspectos econômicos e religiosos, vale comparar o modo como os portugueses são caracterizados na “Carta de Achamento do Brasil”, presente no 1º ciclo deste bimestre, e na letra da música. Dessa forma, poderão observar como os colonizadores passam de salvadores a exploradores desrespeitosos. QUESTÃO 4 De acordo com a estrutura e o tema de um texto, temos um gênero literário diferente, como mostra o quadro a seguir:

Função da linguagem predominante

Pronomes e verbos em

Características principais

Gênero lírico

Emotiva

1ª. Pessoa

Intimismo;

Subjetividade;

Musicalidade

Gênero épico/narrativo

Referencial

1ª. ou 3ª. Pessoa

Elementos históricos;

Personagens;

Herói;

Enredo;

Marcas de tempo e espaço.

Gênero dramático

Conativa

Discurso direto

Encenação;

Personagens;

Enredo;

Marcas de tempo e espaço.

Agora, responda:

- a) A música “Índios” se aproxima mais de qual gênero literário: lírico, épico ou dramático?
- b) A partir das características temáticas e estruturais apresentadas no quadro, selecione algumas passagens do texto que representam o gênero literário identificado na letra a.

Habilidade trabalhada

Reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico e dramático).

Resposta Comentada

Para dar início a esta questão, é interessante que você analise o quadro com os alunos, cuidadosamente. Para isso, você pode adotar as sugestões de como trabalhar a habilidade de reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos, fornecidas na seção

Como Ensinar? das Orientações Pedagógicas. Depois disso, a turma poderá identificar como resposta da letra a, o gênero lírico, pois observará que a letra da música apresenta as angústias e os questionamentos do seu ator, ou seja, a subjetividade de quem escreveu o texto. Além disso, estruturalmente, notará que, além do predomínio de pronomes e verbos em primeira pessoa, há a exploração da musicalidade das palavras por meio da rima entre os versos da canção.

Para a letra b, o aluno pode escolher diversas passagens que apresentam características do gênero, como as que seguem:

“Eu quis o perigo e até sangrei sozinho” e “Quando descobri que é sempre só você / Que me entende do início ao fim” – para evidenciar a subjetividade do autor expressa gramaticalmente por meio do uso de verbos e pronomes em primeira pessoa;

“Quem me dera ao menos uma vez /Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três” – para evidenciar a musicalidade das palavras por meio da rima.

Por fim, é proveitoso que, de acordo com os versos que forem apresentados pelo discente como resposta, você leve a turma a perceber a mensagem que o autor quis transmitir por meio da letra da música.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 5

Ao elaborar um texto, seu autor pode enfatizar qualquer um dos elementos da comunicação que considerar conveniente para a transmissão de sua mensagem. Dependendo do elemento focalizado, notamos o predomínio de uma função da linguagem diferente.

Com base nessas informações, observe o verso seguinte: “Quem me dera ao menos uma vez” E responda: a) A maior parte das estrofes se inicia com este verso. Qual função da linguagem predomina nesta passagem e em praticamente todo o texto? b) Quais são as características dessa função?

Habilidade trabalhada

Reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva.

Resposta Comentada

Antes de iniciar esta questão, é válido que você retome o assunto Teoria da Comunicação, já trabalhado no primeiro ciclo deste bimestre. É importante que dois pontos dessa matéria sejam lembrados: (i) os elementos da comunicação (emissor, receptor, mensagem, código, canal e referente); e (ii) o fato de que, conforme a intenção comunicativa do emissor, qualquer um desses elementos pode ser enfatizado, podendo se observar, assim, diferentes funções da linguagem em uma mesma mensagem.

Com o propósito de responder à letra a, é válido que você debata com seus alunos, inicialmente, o que eles entenderam da música e informe-lhes do problema pelo qual o autor passava quando escreveu esta letra. Renato Russo acabava de se recuperar de uma

tentativa de suicídio na qual havia cortado os pulsos sem um motivo aparente. Como o músico estava depressivo, fez um “balanço” de toda a vida, expressando tudo o que ele sentia em relação ao mundo naquele momento. A partir dessa discussão, o aluno compreenderá melhor o verso “Quem me dera o menos uma vez”, notando que o emissor da mensagem é o foco do enunciado e, conseqüentemente, não só neste verso, mas em todo o texto, a função da linguagem predominante é a emotiva.

Para caracterizar, então, a função emotiva na letra b, os seguintes traços do texto podem ser elencados como resposta: expressão da subjetividade do emissor e uso de verbos e pronomes em primeira pessoa, como nos versos “Eu quis o perigo e até sangrei sozinho/ Entenda/ Assim pude trazer você de volta pra mim”.

QUESTÃO 6

Você notou, por meio da questão anterior, que, ao longo da música “Índios”, predominou uma função da linguagem. Mas é frequente que mais de uma função esteja presente em um mesmo texto.

Este texto complementar apresenta também a função poética, que é caracterizada pela preocupação do autor com a elaboração estrutural do texto. Algumas características dessa função são as seguintes: uso de figuras de linguagem (metáfora, antítese, hipérbole, aliteração etc); valorização da combinação das palavras; exploração do eu-lírico.

A partir das características fornecidas, identifique duas passagens no texto que caracterizem a função poética.

Habilidade trabalhada

Reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva.

Reposta Comentada

Dando continuidade à identificação das funções da linguagem e conscientizando o aluno da possibilidade de coexistência de mais de uma função em um mesmo texto, a questão 6 prioriza a função poética. Tendo em vista as características apresentadas no enunciado, algumas das passagens que podem vir a ser selecionadas pelos alunos são as seguintes:

“Quem me dera ao menos uma vez /Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três”, em que se pode notar a rima entre as palavras “vez” / “três”;

“Nos deram espelhos e vimos um mundo doente”, em que se pode observar a presença de uma metáfora, construída a partir do uso da palavra “espelho” e da expressão “mundo doente”;

“E o futuro não é mais como era antigamente.”, em que se pode assinalar a presença de uma antítese, construída a partir do uso de termos com significado opostos “futuro” X “antigamente”.

“Eu quis o perigo e até sangrei sozinho”, em que se pode verificar a exploração do eu-lírico, a partir da apresentação dos pensamentos e angústias do autor.

Ressalta-se que esta questão pode apresentar vários outros versos como resposta, já que, em praticamente todos, é evidente a exposição de sentimentos e reflexões pessoais, daí a exploração do eu-lírico. Portanto, o importante não é limitar as respostas trazidas pela turma, mas sim ampliá-las, mostrando que, em um mesmo verso, mais de uma função da linguagem pode ser evidenciada.

QUESTÃO 7

A língua portuguesa, ao ser falada por todo nosso Brasil, toma várias formas, com diferentes sotaques e estilos. Essas variações podem ser associadas a fatores históricos, sociais e regionais, manifestando-se na pronúncia, no vocabulário, na estrutura das palavras e na organização das frases.

A língua tende a ser bem mais conservadora na escrita do que na fala, que acaba se renovando mais rapidamente do que a forma como se escreve.

Considerando essas informações, ouça a música mais uma vez. Acompanhando a letra com atenção, identifique quais palavras apresentam diferenças entre a fala e a escrita.

Habilidade trabalhada

Identificar fenômenos de variação linguística.

Resposta Comentada

Antes do desenvolvimento da questão, seria interessante que você destacasse para seus alunos que a heterogeneidade é uma das características principais da língua portuguesa. Essa variação está relacionada a vários fatores, como classe social, idade, sexo, escolaridade e contexto comunicativo. No entanto, apesar de toda essa diversidade, as modificações gramaticais e ortográficas são bem mais lentas do que as transformações apresentadas na fala.

Apesar de sua maior rigidez, a escrita também pode variar de acordo com o grau de formalidade determinado pelas condições de produção e pelo gênero textual escolhido. Alguns gêneros são prototipicamente mais próximos da norma culta, como o texto acadêmico ou artigo científico, enquanto outros podem ser mais livres, adotando uma linguagem mais próxima da oralidade, tais como email, bilhete etc. Nesse sentido, para o trabalho com a fala e com a escrita, é necessário considerar um contínuo dos gêneros textuais, evitando, dicotomias extremas entre as duas modalidades.

Ao ouvir a música, comparando-a com a letra, o grupo poderá perceber que várias palavras têm a sua pronúncia alterada, segundo a variante linguística do cantor, mas são escritas de acordo com o padrão da língua portuguesa, existindo, assim, certo distanciamento entre a língua escrita e a língua falada. A escrita, então, não é mera transcrição ou reprodução da fala, possuindo regras próprias para a sua realização.

São vários os fenômenos de variação de natureza fonético-fonológica observáveis na canção “Índios”, do Legião Urbana. Considerando a complexidade do assunto, uma possibilidade, para fins didáticos, é classificar as variações em três casos: supressão (ou queda), inserção (ou acréscimo) e alternância (ou troca).

Exemplos de supressão de segmentos:

- Apagamento do R final nos infinitivos verbais, geralmente motivado pela junção de palavras, como em esquecer, explicar, acreditar e entender.
- Monotongação em ouro – “oro” e em brincadeira – “brincadera”.

Exemplos de inserção de segmentos:

- Ditongação nos vocábulos quem – que[j]m, alguém – algué[j]m, vez –ve [j]z e três – tre[j]s, etc.

Exemplos de alternância ou troca:

- Abaixamento das vogais em entreguei – [i]ntreguei, mundo – mund[u], belos – bel[u]s, tudo – tud[u], etc.
- Palatalização da consoante oclusiva [t] diante de [i] em doente – d[u]entš[i], bastante – bastantš[i], etc.

Cabe ainda ressaltar que a consolidação da consciência das diferenças entre a fala e a escrita poderá ajudar os alunos a integrar na sua própria produção a especificidade de cada uma dessas formas de expressão.

QUESTÃO 8

Tanto o texto gerador 1 como o complementar apresentam, sob visões diferentes, as ações constituintes de um movimento europeu reacionário à Reforma protestante:

Na Contra-reforma, a sociedade européia envia um grupo de missionários que pára o avanço do protestantismo e do paganismo entre os nativos das terras do Novo Mundo.

Identifique, na explicação presente no quadro, as palavras que não estão grafadas de acordo com a Nova Ortografia e reescreva-as adequadamente.

Habilidade trabalhada

Identificar normas ortográficas (acentuação, hífen) a partir do Novo Acordo.

Resposta comentada

Esta atividade objetiva apresentar alguns exemplos de mudanças na grafia de palavras, segundo o Novo Acordo Ortográfico: uso do hífen, acentuação de ditongos abertos em paroxítonas e supressão de alguns acentos diferenciais. É importante você relembrar com a turma a classificação das palavras quanto à tonicidade, a fim de se certificar de que os alunos

reco nhecem uma palavra paroxítona. A partir disso, será possível focalizar as seguintes palavras do quadro: “contra-reforma”, “européia” e “pára”.

Segundo o Novo Acordo Ortográfico¹ (Base XI – 3º), não são mais acentuados os ditongos representados por *ei* e *oi* da sílaba tônica das palavras paroxítonas. Dessa forma, o vocábulo “européia” perde seu acento. Você pode acrescentar que a supressão desse acento se relaciona à pronúncia mais fechada de ditongos abertos em alguns países que utilizam a língua portuguesa.

Outra alteração prevista pela reforma ortográfica diz respeito ao uso do hífen. O Novo Acordo (Base XVI – 2º (a)) prevê que não se emprega mais o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*. Nesses casos, deve-se duplicar a consoante. Portanto, a grafia de “Contra-reforma” passa a ser “Contrarreforma”.

O uso de alguns acentos diferenciais também foi modificado pelo Novo Acordo (Base IX – 9º), que estabelece não serem mais acentuadas as homógrafas “para”, flexão de parar, e “para”, preposição. Dessa forma, o verbo “pára”, presente no quadro, perdeu seu acento diferencial. Vale acrescentar para a turma que, por exemplo, os acentos distintivos de pessoas gramaticais (como em *tem / têm*) e de tempos verbais (como no único exemplo *pode / pôde*) permaneceram.

Para ampliar ainda mais os esclarecimentos acerca das mudanças propostas pelo Novo Acordo, é interessante mencionar a supressão completa do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas. O novo texto ortográfico restringe sua utilização apenas a palavras derivadas de nomes estrangeiros com trema (*mülleriano*, de *Müller*, por exemplo).

Texto Gerador 2

O texto gerador a seguir é uma crônica, de Lima Barreto. Ela foi publicada originalmente em 19 de janeiro de 1915, no jornal *Correio da Noite*, e, mais tarde, no volume XI de suas obras completas, sob o título de *Vida Urbana*. A crônica foi um gênero discursivo muito utilizado pelo autor para propagar suas ideias a um público leitor mais extenso. Em As

enchentes, o escritor apresenta um quadro enfrentado pelos cariocas do passado, porém ainda muito atual.

AS ENCHENTES (Lima Barreto)

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas.

Além da suspensão total do tráfego, com uma prejudicial interrupção das comunicações entre os vários pontos da cidade, essas inundações causam desastres pessoais lamentáveis, muitas perdas de haveres e destruição de imóveis.

De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos.

Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolúvel tão simples problema.

O Rio de Janeiro, da avenida, dos squares, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral.

Como está acontecendo atualmente, ele é função da chuva. Uma vergonha!

Não sei nada de engenharia, mas, pelo que me dizem os entendidos, o problema não é tão difícil de resolver como parece fazerem constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão.

O Prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descuroou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio.

Cidade cercada de montanhas e entre montanhas, que recebe violentamente grandes precipitações atmosféricas, o seu principal defeito a vencer era esse acidente das inundações.

Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as

fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social.

Vida urbana, 19-1-1915

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 9

Alguns fatores externos ao texto determinam a construção de seu sentido como os papéis que os interlocutores assumem na interação. Em nosso cotidiano, nos comunicamos de forma diferenciada quando assumimos o papel de aluno, de um colega de classe ou de um líder de um time.

Em As enchentes, podemos recuperar que o autor destina sua mensagem:

- a) Ao Prefeito Passos, que não solucionou o problema das enchentes no Rio.
- b) Aos engenheiros municipais, que adiam a solução de um problema fácil de resolver.
- c) Aos entendidos de engenharia, que conhecem a solução do problema, mas não agem para que ela seja posta em prática.
- d) Aos moradores do Rio, que, como ele, sofrem com as inundações, mas não dão a devida atenção ao problema.
- e) À Câmara de Vereadores, que não cria leis que estabeleçam punição aos responsáveis pelos desastres causados pelas inundações.

Habilidade trabalhada

Identificar os processos de interlocução: texto e discurso.

Resposta comentada

É interessante, nesta atividade, fazer os alunos refletirem sobre a informação presente no enunciado. A turma deve ser estimulada a perceber que sempre assumimos papéis sociais no momento da interação, e que tais papéis acabam por condicionar, de certa forma, o que é e o que não é adequado dizer.

Outro importante aspecto que pode ser trabalhado na questão é a característica de todo texto ser produzido por um emissor a um destinatário, ambos projetados em determinado papel social.

O destinatário desta crônica não está presente no momento da interação. Nesse caso, ele assume um papel social que o emissor acredita que ele ocupe. No texto, é possível recuperar marcas linguísticas dessa crença – “nosso Rio de Janeiro” (1º parágrafo); “nossa engenharia municipal” (3º parágrafo); “nos preocupamos muito com os aspectos externos” (parágrafo 10).

É importante que os alunos diferenciem o destinatário do assunto. Ao mencionar o Prefeito Passos, os engenheiros municipais e os entendidos de engenharia, o emissor está falando deles e não com eles, o que invalida as alternativas (A), (B), (C) e (E). Além disso, na crônica, não há menção à Câmara de Vereadores, o que invalida, também, a alternativa (E).

As marcas pronominais e verbais de 1ª pessoa do plural projetam, portanto, destinatários que pertencem ao mesmo grupo do emissor: moradores do Rio de Janeiro, que sofrem com o problema das inundações. Nesse aspecto, a única alternativa correta é a (D).

TEXTO GERADOR 3

O texto gerador a seguir é uma crônica produzida por um bancário aposentado, Amaro Roberto de Araújo Lessa. Ele e seus outros amigos aposentados publicaram um livro, chamado Tempo de Sobra, para celebrar o ócio. É, portanto, um ótimo exemplo de como o literário pode surgir da impressão de pessoas comuns sobre os fatos cotidianos.

AMOR DE MÃE (Amaro Lessa)

Tia Maria era a mais velha entre as irmãs. A mais viajada também. Várias vezes voltou à santa terrinha a passeio, juntamente com o tio Antonio, um português pão-duro que doía, mas, era mestre em fazer a alegria da criançada. Muito brincalhão, no mar da Póvoa de Varzim, em Portugal, gritava pra que todos ouvissem: -Maria, só vejo areia / E tu, minha “sireia”? Ela ficava uma fera! Tia Maria Laura era meio esquentada. Mas, na família havia uma irmã que a superava nesse quesito.

Certa vez, ela e minha mãe, Maria Adelaide, tiveram que ir a Caxambu para resolver uma questão cartorária. Ficaram lá dois dias. Após solucionarem o problema, tia Maria, passeadora como ela só, queria ficar um pouco mais naquela acolhedora cidade mineira, porém, minha mãe queria voltar para casa, correndo. Deu briga!

Dona Maria Adelaide, mandona, portuguesa daquele tipo “a mim ninguém ‘gouverna’!”, fez prevalecer sua vontade. Durante a viagem de volta, só se falaram quando já estavam chegando ao Rio de Janeiro. Minha mãe, preocupada com a divisão dos “presentinhos”, perguntou: -Maria, a quem tu vais dar o queijo Minas? De pronto, ouviu a seguinte resposta: - Cuida da tua ‘bida’ que da minha cuida “eui”! Ela estava, mesmo, na bronca.

Fui pegá-las na rodoviária. A todo momento, chegavam ônibus de tudo quanto era lugar. Em grande expectativa, o povão recepcionista não podia adentrar na área de desembarque e se amontoava atrás de uma grade limitadora. Havia muita gente naquela área de espera. Não demorou muito para o Caxambu-Rio estacionar poucos metros a nossa frente. Quando finalmente avistei as duas velhinhas, obtive autorização para ir ajudá-las. A cena que ocorreu foi hilariante: Após o beija-mão, para não me atrapalhar com a bagagem entreguei a “capanga” aos cuidados da tia Maria, e segurei as alças das duas malas que minha mãe já tinha em seu poder:

-Larga, mãe!, pedi;

-Não! Você está doido?!

-Larga, mãe!, ordenei puxando;

-Larga você!, retrucou ela puxando também; e arrematou:

-Você não pode pegar este peso!

Depois daquela me senti um fracote. Minha mãe, com pouco mais de um metro e meio de altura, já passada dos oitenta anos, sentia-se mais forte que eu. E a galera, bem ali a nossa frente, assistia àquela inacreditável cena.

*Minha paciência terminou depois desses puxa pra cá, puxa pra lá. Exasperado, gritei:
- Larga esta p*\$%#!*

Aí ela largou. “Pau da vida”, e meio envergonhado com aquela superproteção pública, fui me adiantando com as duas malas em direção ao estacionamento.

Atrás de mim, a ladainha continuava: - Isto é muito peso pra você, meu filho! Apesar daquela insistência, pensei que o clima estivesse controlado. Qual nada! Minha mãe virou-se para a tia Maria e determinou: - Me dá a bolsa dele!

Tia Maria respondeu com firmeza: - Ele “ma” deu pra segurar!

Minha mãe retrucou: - Mas ele é meu filho!

Vendo aquela discussão, parei e ponderei com veemência:

- Vocês vão brigar por causa da bolsa?

Aí a tia Maria lançou a capanga na direção da minha mãe que, então, sossegou o facho. Até chegarem a casa ficaram de bico, sem se falar.

Atualmente, dona Maria Adelaide vai fazer 92 anos e dona Maria Laura já está lá no andar de cima, em companhia de São Pedro, aguardando a hora da minha mãe também subir para, finalmente, acertarem as contas.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 10

Os textos geradores 2 e 3 pertencem ao gênero textual crônica, que consiste, em linhas gerais, no registro de fatos do cotidiano apresentados a partir do olhar do autor. O texto gerador 2 (As enchentes) é uma crônica jornalística e o texto gerador 3 (Amor de mãe) é uma crônica literária. Agora, releia as duas crônicas e responda:

- a) Você pode notar que o tema do texto gerador 2 são as enchentes que ocorrem no Rio de Janeiro no período do verão e o do texto gerador 3 é o relacionamento entre uma mãe superprotetora e seu filho. Pensando nas diferenças entre esses temas, qual leitor poderia se interessar pela crônica jornalística? E pela crônica literária?
- b) Quais diferenças estruturais podem ser percebidas entre essas crônicas?

Habilidade trabalhada

Identificar as diferenças estruturais e temáticas que distinguem crônica literária de crônica jornalística.

Resposta Comentada

Atentando para o questionamento da letra a, pelo fato de serem crônicas, pode-se notar que ambos os textos relatam fatos do cotidiano sob a perspectiva singular de seus escritores. No entanto, há certas diferenças em relação ao fato gerador, à temática que os motivou.

Pode-se dizer que o leitor da crônica jornalística se interessa por textos que apresentem uma reflexão político-social acerca dos acontecimentos da cidade. Já o leitor da crônica literária se interessa por textos que apresentem uma reflexão do autor sobre questões ou acontecimentos de sua vida pessoal.

Ao identificar os leitores que se interessariam por cada tipo de crônica, o aluno poderá reconhecer a principal diferença entre a crônica jornalística e a literária. Na crônica jornalística, o autor apresenta problemas relacionados ao modo de vida urbano, acontecimentos do dia a dia nas grandes cidades que geram interesse público, como no

caso do texto *As enchentes*. Já na crônica literária, a temática não é tão vinculada a assuntos relevantes ao bom funcionamento de uma cidade. *Amor de mãe* visa mais ao entretenimento do que à crítica e focaliza a vida particular do autor e não a sociedade a que ele pertence, como na primeira crônica.

Em relação à letra b, que diz respeito à estrutura, inicialmente, pode-se apresentar aos alunos algumas características comuns à crônica, explicitadas na seção *Como ensinar?* das *Orientações Pedagógicas*.

É válido ressaltar que a diferenciação entre crônica jornalística e crônica literária se assemelha à distinção feita, no primeiro ciclo, entre texto literário e não literário. No caso em tela, *As Enchentes* se aproxima do texto não literário, por apresentar informações de forma objetiva, ao passo que “*Amor de mãe*” está mais próxima ao texto literário por possuir uma construção ficcional e subjetiva.

Pode-se notar, ainda, que a crônica jornalística, com a finalidade de realizar uma análise mais crítica da realidade, visando a persuadir seu “leitor cidadão”, apresenta uma linguagem mais formal, com vocabulário rico, e um texto de cunho argumentativo, com o propósito de sustentar o ponto de vista do autor. Por isso, em *As Enchentes*, observa-se forte presença de adjetivos e de estruturas com os verbos modais “dever” e “poder”, que demonstram o juízo de valor do autor acerca do fato em questão. Trata-se de uma crônica-comentário.

A crônica literária, mesmo com uma linguagem também formal, principalmente por parte do narrador, possui certa tendência à coloquialidade, devido à presença de diálogos, e seus personagens, que são pessoas comuns, são apresentados sem aprofundamento psicológico. Essas características podem ser observadas em *Amor de mãe*, que é uma

crônica-conto2. Pode-se observar também a exploração do sentido conotativo das palavras, como nas expressões “ficar de bico” e “lá no andar de cima”, e presença de uma pontuação expressiva, já que se observa o uso exacerbado de exclamativas.

Texto Gerador 4

A Carta de Caminha, por ser o primeiro texto a ser escrito no Brasil pelos portugueses em sua chegada em 1500, é considerada, além de documento literário, importante documento histórico por relatar as intenções dos exploradores diante da inocência dos índios, bem como a visão de sua cultura, religião e comportamento. Vejamos alguns trechos dela.

“E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro. Então lançamos fora os batéis e esquifes. E logo vieram todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor. E ali falaram. E o Capitão mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens aos dois e aos três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, já lá estavam dezoito ou vinte. Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

(...)

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo.”

(...)

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.”

Atividades de leitura

- 1) Ao lermos os trechos de A Carta de Caminha podemos observar o desejo do colonizador de implantar a religião cristã católica nos índios. Encontre no texto um exemplo que justifique tal afirmação.

R. “Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas...”

Resposta comentada

Nessa questão é importante o aluno perceber o desejo do explorador em não respeitar a religiosidade indígena, forçando-os a aceitar uma nova religião trazida pelos portugueses a tal ponto de dizer que “dariam ouro por aquilo.”

Habilidade trabalhada

Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

- 2) A Carta, como já foi dito, além de documento histórico, é importante documento literário. Analisando as características nele presentes, podemos classificá-lo quanto ao gênero em épico, lírico ou dramático; Justifique.

R. Gênero épico.

Resposta comentada

Embora escrito em prosa e com vários trechos em 1ª pessoa, por ser um texto que conta a história do início de nossa colonização, devemos classificá-lo como épico.

Habilidade trabalhada

Reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico e dramático).

- 3) Em “Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.” mostra-se o estranhamento dos portugueses em relação à nudez indígena. Explique esse estranhamento.

Resposta comentada

Nessa questão é importante os alunos perceberem que os portugueses quando vieram para o Brasil já tinham o cristianismo como crença e, sendo assim, neles já havia a cultura do pecado frente à nudez que remetia à questão do Éden, da queda do homem no paraíso, e do uso de roupas a partir de então, mas para os índios, alheios à essa cultura e religião, era totalmente natural, motivo pelo qual as índias não sentiam vergonha. Estranho para eles(as) era a visão daquele povo branco e vestido, recém chegado à sua terra.

Habilidade trabalhada

Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.

Atividades de uso da língua

- 4) Lendo o texto acima, pode-se notar uma forma figurativa de referir-se à nudez dos índios. Veja: “Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas.” Que palavra é essa? O que ela denota? Nos dias atuais tal vocábulo é utilizado com a mesma finalidade?

R. A palavra é “vergonhas” e remete à genitália dos índios. Não, atualmente é mais usado como sinônimo de timidez.

Resposta comentada

É importante o aluno perceber que, ao longo dos tempos, as palavras podem assumir novas significações, como “vergonhas” no texto referindo-se à genitália indígena. Vale salientar que diante de um relato à terceiros, no caso ao rei de Portugal, o escrivão como qualquer falante da língua precisaria valer-se de termos mais amenos ou em outros casos científicos para referendar a isenção e o decoro.

Habilidade trabalhada

Identificar fenômenos de variação linguística.

- 5) Observe as palavras “batéis” e “pôde” e com base no Novo Acordo Ortográfico faça comentários sobre elas.

Resposta comentada

Quanto ao vocábulo “batéis”, o aluno deverá dizer que os ditongos abertos “ei, oi, eu” no Novo Acordo quando em palavras oxítonas ou monossílabas devem manter os acentos. Por isso, “batéis” está escrita corretamente. Se fosse uma palavra paroxítona, não poderia receber acento. Já no caso de “pôde” o acento diferencial que fazia a distinção entre o pretérito e o presente do verbo poder na 3ª pessoa caiu, sendo a diferenciação feita apenas pelo contexto frasal.

Habilidade trabalhada

Identificar normas ortográficas (acentuação, hífen) a partir do Novo Acordo.

- 6) Pode-se afirmar que as palavras “já” e “lá” recebem acentos por serem oxítonas terminadas em “a”? Justifique.

Resposta comentada

Nessa questão é fundamental o aluno perceber que para uma palavra receber a classificação “oxítona” é necessário que ela tenha pelo menos duas sílabas, sendo a última tônica. No caso, ambas têm apenas uma sílaba, sendo classificadas como monossílabas tônicas. Tônicas porque pertencem à classe dos advérbios. Seriam também assim classificadas se pertencessem à classe dos substantivos, adjetivos ou verbos.

Habilidade trabalhada

Identificar normas ortográficas (acentuação, hífen) a partir do Novo Acordo.